

MURILO RUBIÃO: A ABO(MI)NAÇÃO DO ALFREBO OU O APOCALIPSE DA BESTA

FRANCIS UTÉZA (UNIVERSITÉ PAUL VALÉRY - MONTPELLIER)

Os contos de Murilo Rubião evocam acontecimento que não se coadunam com o que costumamos considerar como "a realidade". Porém, os narradores desses contos nunca manifestam a menor surpresa perante os factos que dizem ter presenciado, e relatam-nos com toda a naturalidade. Não seria por eles apreciarem os factos com critérios diferentes dos que utiliza o leitor comum?

Ora bem, todos esses contos têm como epígrafe uma citação bíblica, isto é um fragmento de um texto sagrado que remete para a tradição religiosa que se desenvolveu a partir do foco hebráico do Oriente Médio, com fundamento esotérico nas especulações sobre o Verbo: lembraremos, por exemplo, que um dos problemas básicos da mística judaica consiste em definir as vibrações sonoras do Tetragrama IHWH, ou que, de acordo com a Kabala, toda a revelação divina cabe no alef, primeira letra do alfabeto hebráico e primeiro som do primeiro Mandamento transmitido no Sinai¹. Não seriam assim as epígrafes convites para procurar as chaves do texto muriliano na própria língua, cuja alquímia geraria um universo coerente ainda que estranho à racionalidade que impera na caverna ocidental dos homens?

Tendo já comprovado em ensaios anteriores² a validade desta hipótese, com fundamento na dialéctica do fluido

e do sólido que serve de base à sabedoria dos alquimistas — o Solve et Coagula dos adeptos em busca da Pedra Filosofal desde tempos imemoriais —, iremos analisar agora **Alfredo**, o último conto da coletânea **A Casa do Girassol Vermelho**³.

Neste conto, logo após o título que dirige a atenção para aquele que o narrador irá desencantar no alto da serra, a epígrafe bíblica cita um trecho do Salmo XXIII:

Esta é a geração dos que o buscam
dos que buscam a face do Deus de Jacó.

O referido Salmo é geralmente interpretado como uma profecia anunciadora da restauração do domínio universal de Deus, através da actuação da elite, aqui identificada como a geração dos filhos de Jacó que será digna de entrar no Seu santuário⁴. Que relação haveria então, entre as aventuras do trio Joaquim-Joaquina-Alfredo, a procura de Deus, e o patriarca Jacó, neto de Abraham e primeira figura de Israel?

O narrador, Joaquim Boaventura, abre e fecha o seu relato com uma declaração lapidar — Cansado eu vim, cansado ou volto —, desenvolvendo no intervalo aberto entre a afirmação inicial e a sua repetição final, a crônica da procura anunciada pelos dois verbos que assinalam movimentos de sentido contrário — Ir/Voltar. O procedimento, além da conotação negativa do verbo cansar, aponta para uma chave: a movimentação pura e simples, alternadamente numa e noutra direção, à maneira da lançadeira do tear ou do pêndulo que combina no seu deslocamento regular, linearidade e circularidade — e seria o caso de não esquecermos que, etimologicamente, na linguagem dos marinheiros, o verbo cansar, significava dobrar um cabo.

De início deparamos com uma situação de crise: Joaquim e Joaquina em cujos nomes ressoa já o eco da geração dos filhos de Jacó — Joaquim: Jeovah levanta, de acordo com a etimologia hebráica — viviam sem problemas, num povoado anônimo perdido num vale qualquer, ao pé de uma serra qualquer, isto é num espaço arquetipal fechado, em

profundidade, como no interior da matriz telúrica. Aquela harmonia ahistórica é perturbada por sinais vindos da serra — de outro mundo, aberto, vertical, ereto, masculino e uraniano —, sinais que o homem e a mulher interpretam de forma contraditória:

A nossa primeira desavença conjugal surgiu quando a fera ameaçou descer ao vale. Joaquina, a exemplo da maioria dos habitantes do povoado, estava preocupada com os estranhos rumores que vinham da serra.

Esta preocupação — **pre occupare** derivado de **capere**, **captus**: prender, ou seja fixar —, provoca uma diferenciação dos dois polos do casal, antes confundidos: de acordo com a dominante feminina que encarna, Joaquina tenta impor uma interpretação pelo irracional, esconjurando aquela novidade mediante um tabu cuja finalidade seria conservar o marido apegado ao sistema protector da mãe: de Joaquim aceitar a superstição do lobisomem, o **thambos**⁵ os manteria unidos, podendo até reforçar a estabilidade anterior com a identificação de um inimigo exterior contra quem reagir em comunhão.

No entanto, os esforços dela só servem para aumentar a desavença e revelar o antagonismo fundamental do masculino e do feminino: a tendência solar, apoliniana do homem, encontra aqui um terreno para se afirmar em oposição à vertente lunar, dionisiaca, da mulher. Joaquim torna-se objeto da luta entre as forças centrípetas representadas pela esposa, que o ligam à terra, e as forças centrífugas, ainda inconsistentes, que o chamam para o céu. Conforme se precisa a realidade do chamado da serra — rumores, gemidos, mensagem —, a ruptura sobrevem a favor das forças centrífugas que impelem Joaquim para cima, a caminho do desconhecido, para o animal — de **anima**: sopro vital. O impulso que lança a excursão — etimologicamente corrida para fora —, resulta da materialização progressiva dos dois polos a trocarem energias num novo sistema de tensões:

vinha uma mensagem opressiva, uma dor de carnes crivadas por agulhas.

Com efeito, toda a opressão acarreta uma redução de volume: assim ao captar a mensagem "condensa-se" Joaquim que, ao diferenciar-se de Joaquina, assume a sua personalidade própria; por outro lado, a dor aqui referida, significa, ao pé da letra, a encarnação da besta: crivadas, as carnes antes avulsas são canalizadas no crivo e projetadas numa forma corporal através das agulhas. Liberando-se aos poucos da matriz terrestre o herói-narrador está em condições para empreender a viagem para o alto, dobrando um primeiro cabo, enquanto o animal deixa de ser apenas um sopro inconsistente, materializando-se. Mas para tornar possível o encontro — a junção dos dois polos que acabam de se manifestar — é imprescindível um esforço de ambos os lados — para o animal, humanizar-se, para o homem, "animar-se":

Nenhum receio me veio ao defrontá-lo. Ao contrário, fiquei comovido sentindo a ternura que emanava dos seus olhos infantis.

A fascinação pelo olhar, aqui interpretada no sentido positivo, concretiza uma primeira aproximação, sofrendo no entanto Joaquim com a emoção — comovido: de **movere** —, uma transformação que o torna mais sutil, mais plástico, como se adquirisse elasticidade ao contato da ternura que o outro lhe derramava em cima — ternura, do latim **tener**: que pode ser estirado. Em compensação, o mutante que acaba de tomar corpo em frente dele, tem uma realidade diminuta:

levantava a cabeça — pequenina e ridícula — e gemia. Quase achei graça no seu corpo desajeitado de dromedário.

Desajeitado — do latim de **ex adjactare**: lançar completamente para fora —, é um dromedário — da raiz grega **dromas**: que corre. A característica dele é, pois, a versatilidade, o movimento, a fuga. Daí a "ternura" fluir dos seus olhos: na fronteira da existência material, a tensão máxima escapa pelos órgãos menos rígidos, os olhos cuja expressividade se manifesta no limite da vida — infantis.

Naquele instante, Joaquim sofre uma comoção, patente no esgar que se imprime na sua cara:

o riso brincou frouxo dentro de mim e não
aflorou aos lábios que se retorceram de pena.

O verbo brincar — do latim **vinculare**: fixar-se — limita a explosão latente do riso numa contenção de signo oposto que o torna fluido, frouxo — **fluxus**: líquido —, contenção essa que acaba exprimindo um sentimento de comiseração contrário à pulsão inicial. Esta aproximação psíquica incontrolada — o riso afastava, a pena solidariza — completa-se com uma tentativa de relacionamento desta vez voluntária, ditada por uma estratégia. O narrador vai dar os primeiros passos no intuito de estabelecer o diálogo:

Com muito cuidado para não assustá-lo, fui-me aproximando. Uma pequena distância nos separava e, tímido, perguntei o que desejava de nós e a quem dirigia a sua desalentadora mensagem. Nada respondeu.

Quer dizer que, enquanto Joaquim se esforça para anular a distância tanto física como psicológica que os separava ainda, o outro permanece imutável — mudo. Reage o homem insultando o dromedário, ou seja, fazendo marcha-a-ré, "concentrando-se" na sua humanidade, como aliás o sublinha o vocabulário:

Não me dei por vencido [...] Insisti com mais vigor [...] O meu constrangimento aumentava. Vendo que falava em vão perdi a paciência.

Todos os termos grifados por nós convergem frisando que o crescendo de agressividade é o resultado de um fechamento sobre si — insistir, de **in sistere**: fixar-se num lugar; constrangimento, de **stringere**: apertar, ligar com força, ilustram perfeitamente este conceito. E comprovamos que a nova tática está dando certo, posto que agora é o animal que se adianta, humanizando-se mais ao proferir as primeiras palavras:

Parou de gemer e fitou-me com indisfarçável curiosidade. Em seguida, sem tirar o chapéu, murmurou: bebo água.

Dos olhos do dromedário já não emana fluidez, substituída pela capacidade de fixação — fitou-me —, que agora repele, isolando em vez de atrair. E o detalhe aparentemente cômico do chapéu vem confirmar o passo dado em direção à materialidade — na raiz de chapéu encontra-se **cappa**, a grande manta que cobre por inteiro, o invólucro. Para além da componente do traje humano, este chapéu assinala a consolidação física, consolidação confirmada pelo comentário sobre a tonalidade da pronúncia do ex-dromedário:

a frase, pronunciada com dificuldade, numa voz cansada, çela de tédio, desvendou-me o sentido da mensagem.

A metamorfose equivale à passagem do cabo da humanização que é atingido com a identificação do Alfredo — irmão, de **germanus**, que pertence à mesma raça:

na minha frente estava o meu irmão Alfredo, que ficara para trás, quando procurei em outros lugares a tranqüilidade que a planície não me dera.

Agora qual seria o elo entre o fato de beber água e a revelação do sentido da mensagem? Adiantaremos uma hipótese: bebendo água no cimo da montanha, o dromedário mantinha-se num equilíbrio de vegetal na fronteira entre a terra e o céu — plantado como um idiota reza o texto; idiota, do grego **idios**: particular, diferente, separado. E no entanto não deixava de evoluir paulatinamente para a terra, ingerindo líquido e exprimindo pelos seus constantes gemidos os fluídos aéreos que o podiam repelir para cima e manter no estado de espírito apontado pelo nome — Alfredo do germânico **Aelf**: elfo: **Raed**: conselho⁶. Nestas condições, com a reunião daquela família esquisita, desvenda-se efetivamente o sentido metafísico da mensagem: o ente que ficou para trás, isto é mais perto das origens, ou seja da unidade em que não havia diferenciação, onde tudo estava tranqüilo, aceitou o risco de passar a fronteira para

se juntar ao irmão extraviado⁷.

Finalmente concretiza-se a conjunção com um beijo, reforçado por um abraço e prorrogado pelo laço que Joaquim coloca no pescoço do outro, gestos que significam a transmissão para o Alfredo das energias concentradas na pessoa do irmão: e, conforme as forças de gravidade, o duo empreende o caminho de regresso ao vale — ao centro da terra. Progredindo num espaço cada vez mais estreito — do campo aberto para a rua principal, e desta, para a ruazinha que dá na residência do casal Boaventura —, o "animal" está sofrendo uma "redução" implícita nos reparos do narrador:

como se a chegada do meu irmão fosse um acontecimento banal. Ocultei a revolta e levei-o pela ruazinha mal calçada que nos conduziria à nossa residência.

A etimologia de chegada, revela **plicare**: dobrar, enrolar, ou seja a materialização também subjacente na etimologia de acontecimento, do verbo **contingere**, materialização resultante de uma mutação patente na etimologia de revolta, **volvere**. Traduzamos: o termo da "concentração" do Alfredo seria a fixação — residência, de **sedere**: estar sentado —, atingida após uma extraordinária mutação oculta realizada com sutileza através de um funil apenas tangível — a ruazinha mal calçada.

Na fronteira da eventual fixação — no portão, lugar de passagem arquetipal assinalado pelo aumentativo —, aguarda-os Joaquina, cuja atuação equivale a compensar a força que os movia para baixo. Esbarrando na oposição da mulher, Joaquim recebe um empurrão — **im pulsare**: lançar para a frente — que o orienta na direção contrária, ao passo que o dromedário apenas recebe um tapa no rosto: claro, o marido motor da descida exigia maiores energias para ser neutralizado que aquele que ia rebocando. E da adição das duas agressões, resultaria a inversão do movimento, tornando-se desde então o "dromedário" o elemento ativo do duo fraterno.

A recusa da mulher em receber em casa o "animal" tem a sua lógica: na antiga célula familiar, o equilíbrio primordial era assegurado pela combinação da feminidade dela — terra e água — com a masculinidade dele — fogo e ar; a irrupção do Alfredo só podia trazer uma sobrecarga inaceitável em factores uranianos. Quanto à intervenção do "dromedário" na discussão do casal, não é tão absurda como parece. Reparando na diferença de cor entre os olhos da Joaquina, chama a atenção para a possível significação de uma relação entre o verde e o azul. Deixando de lado qualquer argumentação baseada no simbolismo de que estas duas cores possam ser portadoras, e limitando-nos aos critérios que até aqui nos têm orientado, comprovamos que, etimologicamente, o adjetivo verde remete com o latim *viridis* para a circulação da seiva no tecido vegetal, enquanto azul, através do persa *ladjoud* procede do nome de um mineral⁸. Assim o Alfredo teria reparado na pessoa da Joaquina, numa marca da oposição-complementaridade entre o sólido e o líquido, interpretação aliás confirmada, parcial é indiretamente no final deste mesmo conto, quando o narrador lançaria sem necessidade:

atravessaria outras cordilheiras, azuis como todas elas.

Com efeito, todas as cordilheiras são minerais.

Concluiremos disso, que como todo o indivíduo, Joaquina tem dentro de si energias que operam no sentido da fixação — azuis — e energias que tendem para a fluidez — verdes. As "azuis" absorveram o impacto da tentativa de irrupção dos outros no limiar da sua residência, as "verdes" manifestaram-se na liberação das forças centrífugas latentes nela, repelindo os recém-chegados e projetando-os para cima outra vez. No entanto, ela continuaria no povoado, em harmonia com o meio, equilibrando-se a si própria, graças às suas energias "verdes" e "azuis".

Ao anoitecer, na fronteira do dia e da noite, de novo no alto da serra, no limite entre a terra o céu, dobra Joaquim o cabo do tempo:

A fome e o cansaço me oprimiam: todavia, não pude evitar que o meu passado se desenrolasse, penoso, diante de mim. Veio recortado, brutal.

Oprimido, ou seja sob pressão, tanto moral como física, e carecendo de substância — com fome —, o homem passa para o lado de lá, para um mundo onde a lógica da terra já não funciona, visto que o passado agora se desenrola no lugar do futuro: por diante.

Assim se abre um parêntesis assinalado pela própria tipografia, em que o absurdo invade a consciência, numa espécie de pesadelo em que é revelado o nome até agora desconhecido do narrador-herói, e isto com uma boa dose de humor negro, atentando ao fato de que a boaventurança de Joaquim estaria em total contradição com a situação de vítima despedaçada por um monstro que se impõe naquela visão. De fato, o pesadelo abre-se com uma agressão verbal — Filho de uma égua — que, tomada ao pé da letra, seria apenas uma alusão a uma mutação do mesmo tipo que aquela que sofreu o Alfredo-dromedário. A dita mutação aliás estava já implícita no insulto que lançara Joaquim à sua mulher aquando do reencontro no portão: animal é a vó! Após assistirmos à humanização de um dromedário, agora remontaríamos em direção às origens comuns aos dois irmãos: a égua. E, retornando ao estado anterior de cavalo, Joaquim estaria vendo tudo com os olhos do animal, no momento crucial de receber o laço no pescoço, situação já vivida pelo Alfredo na hora de "dobrar o cabo":

As mãos grossas, enormes, avançaram para o meu pescoço. Deixei cair o pedaço de mão que roubara e esperei, apavorado, o castigo.

Com efeito, ao regressar à postura de quadrúpede, Joaquim deixaria literalmente cair o pedaço de mão que roubara.

Terminada a evocação do "flash", o narrador volta a insistir na expressão filho de uma égua, relacionando-a com o fracasso de uma anterior tentativa de fuga:

Filho de uma égua. Como tinha sido ilusória a minha fuga da planície, pensando encontrar a felicidade do outro lado das montanhas. Filho de uma égua!

Agora, com a consciência a ordenar os fatos, desvenda Joaquim parcialmente o mistério do parêntesis: o "filho da égua" pulara irrequieto para fora da planície arquetipal, daquele espaço primordial, liso, sem asperidades, escapando para o outro lado das montanhas, ou seja para o lado de cá do espelho, à procura do universo material da multiplicidade (não esqueçamos que a felicidade, etimologicamente, significa a maior fecundidade possível). E cortejando esta última informação com os dados relativos ao Alfredo, comprovamos que tudo combina: já sabíamos que o irmão ficara para trás, não dobrando o cabo das montanhas.

Concomitante com a excursão de Joaquim tempo acima, verifica-se uma nova "conjunção" que prenuncia a excursão de ambos fora do espaço:

Alfredo pediu-me que descansássemos um pouco. Sentou-se sobre as pernas e deixou que eu lhe acariciasse a cabeça.

No intervalo da noite, ou seja durante o período em que as formas estão se diluindo e desaparece portanto a noção de espaço, conjugam-se os destinos do "homem" e da "besta" através da exploração do passado comum: após a viagem de ida e volta pelo espaço terrestre humano, outra viagem, agora pelo tempo, com outro cabo a ser dobrado em sentido contrário — descansando.

Divergentes, os caminhos respectivos dos dois irmãos, são no entanto comparáveis:

Também ele caminhara muito e inutilmente. Porém na sua fuga fora demasiado longe, tentando isolar-se, escapar aos homens, ao passo que eu buscara no vale uma serenidade impossível de ser encontrada.

O primeiro movimento do Alfredo é definido como no caso de Joaquim, pela palavra fuga — o que equivale a dizer que ambos partiram daquela planície primordial escolhendo po-

rém direções opostas: a tentativa do Alfredo ia no sentido do isolamento — da fixação, da separação numa "ilha" —, enquanto Joaquim pensava integrar-se numa comunidade — fixar-se portanto também, mas no "centro da terra", no vale. Nenhum dos dois achou a solução, o que não é de estranhar, posto que a solução — Solve — não se encontra nem na ilha que emerge das águas, nem no vale-umbigo da terra, ambos espaços de condensação — Coagula.

A relação dos esforços de Alfredo confirma nossa interpretação, com a exploração sistemática que o narrador vem fazendo do substantivo solução e do verbo resolver, exploração que se torna compreensível se atentarmos à raiz etimológica destes dois vocábulos: **solve**⁹. Deturpando invertendo-as as primeiras palavras do prólogo do Evangelho de São João tomadas ao pé da letra — E o porco se vez verbo —, as transformações sucessivas da personagem que passa da mais grosseira animalidade do porco ao grau máximo de imaterialidade representado pelo próprio verbo resolver, ilustram a doutrina da palingenesia: a vida é perpétuo intercâmbio de energias centrífugas e centrípetas, troca incessante entre o que está em cima e o que está em baixo, luta a que o Alfredo tentava escapar em vão, como porco, como nuvem, ou como verbo in conjugável. Conseqüentemente, o ofício de dromedário — beber água no alto de uma serra — será sempre uma solução precária, se bem menos extenuante — **ex tenuare**: tornar tênue, estirar até ao máximo de tensão. Já vimos que nesta situação o Alfredo, aos poucos, virava homem.

Com o regresso da luz, o espaço-tempo dos homens iria recuperar a primazia:

A madrugada nos encontrou no alto da serra.

Ao anunciar o intervalo noturno o narrador dizia: ao anoitecer encontramos-nos no alto da serra. Esta diferença na construção do verbo encontrar não é fortuita: durante o dia os irmãos estavam lado a lado, separados; durante a noite, permaneceram unidos, fundindo-se na unidade das trevas, situação de comunhão em que a aurora os encontrou.

Com a consciência racional a reassumir a direção dos acontecimentos, o cenário antigo surge do caos, acenando para Joaquim um adeus definitivo — espiei pela última vez o povoado. Novas caminhadas perfilham-se num futuro encarado negativamente:

De novo teria que peregrinar por terras estranhas [...] E agora sem a esperança de um paradeiro.

Tal conclusão seria o resultado do encontro com o Alfredo que teria frustrado qualquer sonho de paradeiro definitivo, visto que a experiência vivida pelo irmão, com a sua trajetória em sentido contrário levava ao mesmo fracasso, as mesmas náuseas, ao mesmo cansaço...

Porém, o desespero manifestado não os impede de retomar o caminho:

Alfredo, enternecido com a melancolia que machucava os meus olhos, passou de leve na minha face a sua áspera língua. Levantando-me, puxei-o pela corda e fomos descendo lentamente a serra.

O gesto do dromedário, suscitado agora pelo olhar do homem — lembraremos que foram os olhos do dromedário que fascinaram Joaquim no primeiro encontro —, funciona como transmissor da energia necessária para a empresa. Ora bem, descendo juntos, enriquecidos pelas falhas anteriores, será muito imaginarmos que, no decorrer da travessia, possam reencontrar a Planície primordial de onde ambos saíram, para desta vez, achar a Solução? E não poderíamos vislumbrar uma sugestão positiva neste retorno anunciado:

Sim. Cansado eu vim, cansado eu volto.

Joaquim deixou bem claro que não voltavam para o povoado. Para onde é que regressam então, para dobrar qual cabo?

As andanças de Joaquim e Alfredo têm pois uma lógica interna que é possível desentranhar do próprio texto, partindo da etimologia das palavras e pondo a funcionar a dialética alquímica do Solve et Coagula. Esta lógica de-

fine-se também com base na metafísica paradoxal da união dos contrários, cujos fundamentos remontam ao pensamento pre-socrático, e segundo a qual todo o organismo é o resultado da interação de energias centrífugas e centrípetas, num equilíbrio provisório que gera a existência de todas as formas, tanto da mais densa como da mais sutil.

Neste conto, autêntica "parábola dos mutantes", a procura de Deus confunde-se com as tentativas aparentemente frustradas — e só podia ser assim, visto que as experiências daquele trio têm lugar nos limites do espaço-tempo próprios da terra — dos personagens para ultrapassarem a barreira da dualidade, percorrendo no seu anelo da boaventurança, todos os degraus da escada que liga o mundo celeste do Pai à matriz telúrica da Mãe. Ao deslocar-se do vale para o cimo da serra e vice-versa, Joaquim e Alfredo não fazem senão repetir a caminhada perpétua dos anjos que, no sonho de Jacó precisamente, iam subindo e descendo pela escada que, fincada cá em baixo na superfície da terra, se perdia no alto por entre as nuvens¹⁰. Joaquim, chamado pelo seu irmão Alfredo, o Elfo Conselheiro, subia pela coluna masculina activa do Templo — de JAKIN para Joaquim pouca diferença faz —, e descia pela coluna feminina — presente também na primeira sílaba do seu nome patronímico: BOAZ¹¹ — até à residência de Joaquina, no vale-umbigo da terra. Ascendendo remontava pelo tempo, galgando as etapas sucessivas da História até às origens da humanidade: não dizem por acaso as teorias científicas que o homem é o último elo de uma cadeia biológica ininterrupta desde que a vida surgiu com o primeiro organismo celular aquático? Reconhecendo-se na pessoa de um dromedário, o que é que ele fazia senão dar um pulo — cómico com certeza, mas nem por isso tão absurdo — por cima dos intermediários possíveis desta cadeia? Nesta perspectiva, somos todos filhos de uma égua, e através da dita égua, é possível chegar a Deus...

Afirmção blasfematória, do mesmo quilate que o trocadilho do narrador pretendendo que o porco se faz verbo, e ridicularizando assim o texto considerado pelos entendidos como portador da "substantifique moelle" do esote-

rismo cristão? Antes pelo contrário: apelo para refletir sobre as limitações da razão que, fascina pelo Uno, é condenada a operar no mundo da dualidade. O fracasso aparente sublinhado pelo desespero do protagonista não denuncia senão uma focalização parcial do problema. Aliás, o pretense "cansaço" de Joaquim tem "solução" no próprio desenrolar da sua fala. Podemos muito bem interpretar o conto inteiro como uma glosa da frase que o abre, glosa durante a qual se metamorfoseia o sentido superficial com que somos confrontados de início, até perder as conotações negativas e recobrar o sentido primordial, depurado das escórias e das cinzas que o uso acumulara sobre o verbo cansar.

Assim Murilo Rubião trabalha a matéria prima da língua como os alquimistas no seu laboratório: o resultado são textos cujo conteúdo "fantástico" acena para se pesquisar em direção a outra realidade oculta por trás de referências que não passam desapercibidas aos olhos de quem tenha alguma experiência desta "criptografia" — por exemplo, já constitui um indício importante o fato de abrir e fechar o texto com uma fórmula única, colocando-o dessa forma, sob o signo iniciático da Serpente Uruboro. Nestas condições, o tão propalado pessimismo do universo ficcional muriliano seria apenas "literatura" para iludir os prisioneiros da caverna.

Notas

¹Ver SCHOLEM G. **A Cabala e seu Simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp.41 et 55, por exemplo.

²UTEZA, F. "Murilo Rubião: La Dialectique du Prophète et du Magicien, ou la Parabole du Miroir à l'Hirondelle et réciproquement". In: **QUADRANT**, Montpellier: Univers. Paul-Valéry, 1988, pp.131-154; e "Murilo Rubião: Do Socrimento dos Dragões ou do Fantástico da Metafísica", **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte: 19/3/1988, pp.8-11.

³Citamos a partir do texto da terceira edição da Ática, São Paulo, 1980.

- ⁴ Cf. por exemplo, São Bernardo. **Tratado do Amor de Deus**, Capítulo VII: "para os que procuram a presença de Deus, a lembrança de Deus é próxima, e no entanto eles não estão satisfeitos; contudo, quanto mais fome sentirem, mais serão saciados" — comentário com apoio nos Evangelhos (Lucas, XII, 31, Mateus VI, 33: procurai primeiro o reino de Deus, e o resto virá por acréscimo).
- ⁵ **Thambos**: espanto que se apodera do homem confrontado com o sagrado, com o **daimonion** (do verbo grego *Thambeisthai*); cf. FESTUGIERE, **La Sainteté**. Paris: PUF, 1949, p.3. Sobre o **Tabu**, ver ELIADE, M. **Traité d'Histoire des Religions**. Paris: Payot, 1983, pp.26-28.
- ⁶ MACHADO, J.P. **Dicionário Onomástico Etimológico**. Lisboa: Confluência, 1984. DUAZAT in **Dictionnaire des Noms propres**. propõe Adal: Nobre; Frid: Paz.
- ⁷ É exatamente a problemática do conto **Os Dragões** — posterior a Alfredo pelo menos se atentarmos às datas respectivas de primeira publicação —, onde as aventuras de Odorico e João obedecem a esta dialética do fluido e do sólido, do espiritual e do material.
- ⁸ **AZUL**: do latim medieval **azzurum**, alteração do árabe **lazaward**, e este do persa **ladjurd** (PICOCHÉ, J. **Dictionnaire Etymologique**, verbete Azur; no **Dicionário Etimológico**, COROMINAS acrescenta: "El vocablo árabe procede del persa donde según Skeat, se originó del nombre de unas minas del Turquestán", explicando a permanência do som U final "por la fecha arcaica de introducción, o por una pronunciación culta al transmitir-se primeiro como nombre de un mineral").
- ⁹ Entre outros enigmas, como é que se pode resolver assuntos sem os solucionar como fazia o Alfredo? Torna-se possível dissolvendo, desagregando a matéria dos ditos assuntos — de **assumere**: recolher —, sem a reorganizar numa forma diferente e não problemática, sem solucioná-los.
- ¹⁰ **Genesis**, 28. Lembraremos que este sonho de Jacó serve de frontispício ao famoso **Mutus Liber**, conjunto de 15 estampas editado em La Rochelle no século XVII, sem comentário, e que se supõe representarem as diferentes etapas da realização da Pedra Filosofal. O incessante movimento dos anjos pela escada não deixa de ser uma alegoria bem clara da palingenesia. Cf. CANSÉLIET, E. **L'Alchimie et son Livre Muet**, Paris: Pauvert, 1967.
- ¹¹ Sobre os nomes das colunas do Templo de Jerusalém: Reis, I, 7/21. Sobre a sua importância na simbologia maçônica, ver: BOUCHER, J. **La Symbolique Maçonnique**, Dervy-Livres, Paris, 1985, pp.133-141.